

## A PSICOPEDAGOGIA NAS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE PROFESSORES QUE ATUAM COM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO (TDAH)

Débora Rocha Matos Pinto<sup>1</sup>  
Maria José Barbosa<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo pesquisar práticas que auxiliem o pedagogo em sala de aula no trabalho com alunos que possuem o Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH). Para tanto buscamos na psicopedagogia exemplos de práticas que são usadas no tratamento de crianças com este transtorno. O apoio teórico para o alcance desse objetivo foi delineado a partir das idéias de Bossa (2000), Bastos (2015), Bonet (2008), etc, autores que forneceram base teórica de grande importância para a fundamentação do trabalho. Sendo uma pesquisa do tipo qualitativa, para a construção dos dados utilizamos uma entrevista semi estruturada, onde a psicopedagoga entrevistada respondeu de maneira completa e objetiva. Após os dados serem analisados, podemos apontar que os resultados observados mostraram que o trabalho realizado no consultório psicopedagógico pode auxiliar o professor em suas aulas e torná-las mais interessantes para os alunos que possuem ou não alguma dificuldade de aprendizagem. Desse modo, foi possível concluir que o trabalho realizado em sala de aula pelo docente, pode ser enriquecido com a ajuda de um profissional como o psicopedagogo.

**Palavras-chave:** Pedagogo; Psicopedagogo; Aprendizagem; Dificuldades de Aprendizagem.

### INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo fazer uma reflexão sobre recursos psicopedagógicos que enriqueçam o trabalho do pedagogo com educandos com Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH).

Esta temática surge a partir da necessidade de oferecer aos professores sugestões de ações e recursos que eles podem adotar para trabalhar com alunos que apresentem o Transtorno do Déficit de Atenção, de maneira a facilitar a compreensão dos conteúdos apresentados na sala de aula, expandir o processo de aprendizagem desses alunos, e ampliar a oportunidade de integração nas atividades realizadas pelo professor. Tomamos como universo de pesquisa práticas e recursos utilizados por uma psicopedagoga no tratamento de crianças que apresentam TDAH.

---

1 Graduanda do Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Ceará - UFC, [debora95matos@gmail.com](mailto:debora95matos@gmail.com);

2 Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria José Barbosa, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará - UFC, [mazebarbosa@ufc.br](mailto:mazebarbosa@ufc.br)

A relevância deste estudo concentra-se, principalmente, na realidade de que nos cursos de Pedagogia e nas Licenciaturas onde a inclusão de educandos com transtornos específicos de aprendizagem não é abordada de forma obrigatória, ou nem chega a ser estudada, mesmo que estes educandos sejam de presença constante nas sala de aula. A escassez de reflexões sobre o tema dentro da área de educação deixa os professores apreensivos ao trabalhar com crianças, adolescentes ou jovens que tenham transtornos, deixando estes abandonados a própria sorte.

A metodologia para coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semi estruturada realizada com uma psicopedagoga, que forneceu informações relevantes sobre o assunto, além de apresentar práticas que utiliza no consultório para ampliar a funcionalidade das pessoas que apresentam o TDAH, e quais dessas atividades o professor pode facilmente utilizar em sala de aula para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem de crianças com o respectivo transtorno. Autores como Bossa (2000), Bastos (2015), Bonet (2008), etc, foram de grande importância para fundamentar teoricamente as informações sobre a respectiva temática.

## **METODOLOGIA**

A metodologia usada nesse artigo é de cunho qualitativo, que de acordo com Godoy (1995), “Envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos [...]” (p. 58). A partir da escolha do método qualitativo objetivou-se fazer uma entrevista semi estruturada com perguntas elaboradas previamente e que tiveram por objetivo guiar o entrevistado, de maneira a se chegar as respostas necessárias para a construção desse trabalho.

A opção pelo método qualitativo e o uso da entrevista semi estruturada se deu devido ao caráter investigativo do trabalho, que é descobrir, dentre as práticas usadas no consultório psicopedagógico, aquelas que também podem ser usadas em sala de aula pelo pedagogo com crianças que possuem TDAH.

A entrevista foi realizada num consultório psicopedagógico de Fortaleza, com uma profissional da área. A escolha pela escuta da profissional se deu devido a sua experiência com os diferentes transtornos de aprendizagem, principalmente com o Transtorno do Déficit de Atenção. O processo de entrevista se deu após a assinatura do Termo de Consentimento

Livre e Esclarecido (TCLE) pela entrevistada, esse documento é necessário para garantir o sigilo dos dados coletados.

Outra motivação para escolha de entrevistar uma psicopedagoga seu deu pela tomada de conhecimento das práticas interventivas que ela utiliza com seus pacientes e as possibilidades de adequação que as mesmas demonstraram ter ao espaço escolar.

O processo de entrevista apresentou as seguintes perguntas: “Como se dá o Diagnóstico da criança com TDAH? Descreva um pouco do processo que você faz até se chegar ao Diagnóstico final de TDAH.”; “Como ocorre o processo de intervenção a partir do diagnóstico de TDAH dado?”; “Como se dá a relação com os pais durante todo o tratamento?”; “Quais os recursos (jogos e atividades) usados ao longo do processo de intervenção?”; “Como se dá sua relação com a escola (professoras, coordenação)?”; “Em sua opinião, como a escola pode ajudar na preparação das crianças com TDAH diante das dificuldades apresentadas por conta do transtorno?”. A entrevista contou com o auxílio do celular para gravar o diálogo entre pesquisadora e entrevistada, e devido à característica da entrevista ser semi estruturada a entrevistada teve um maior espaço para acrescentar informações às perguntas propostas. Após o processo de entrevista, a análise dos dados foi realizada a partir do objetivo do trabalho.

## **DESENVOLVIMENTO**

### **1. A Psicopedagogia. O que é? Como atua o profissional?**

A Psicopedagogia é uma área do conhecimento que estuda especificamente o processo de aprendizagem e como os diversos fatores podem facilitar ou dificultar o seu desenvolvimento. Para se chegar ao entendimento do processo de aprendizagem e sua amplitude, o psicopedagogo busca respostas em áreas como a Psicologia, a Pedagogia, a Neurologia, etc. Por meio da compreensão dessas áreas é que esse profissional poderá fornecer a ajuda necessária às dificuldades apresentadas por cada pessoa.

Diante da breve introdução apresentada anteriormente sobre quem é o psicopedagogo, a autora Bossa (2000) descreve como atua esse profissional,

Os psicopedagogos são, portanto, profissionais preparados para a prevenção, o diagnóstico e o tratamento dos problemas de aprendizagem escolar. Através do diagnóstico clínico ou institucional, identificam as causas da problemática e elaboram o plano de intervenção. Para realizar o diagnóstico clínico, o

psicopedagogo utiliza recursos como testes, desenhos, histórias, atividades pedagógicas, jogos, brinquedos, etc. (p.12)

Dessa forma, o trabalho do psicopedagogo se dá por um processo de investigação da vida do paciente. Esta ação pode ser iniciada na escola a partir da queixa de professores ao psicopedagogo institucional ou levada ao consultório para o psicopedagogo clínico.

O psicopedagogo institucional é um profissional essencial em uma instituição de ensino, pois através da queixa do professor diante das dificuldades do aluno, ele é um dos primeiros profissionais a conversar com a família do discente e dar início ao processo de intervenção na instituição.

Diante do exposto anteriormente, Bastos (2015) traz algumas informações sobre a atuação desse profissional dentro da escola,

Na instituição escolar o psicopedagogo possui diferentes atuações, mas sua atuação específica se dá com grupos no sentido de levantar suas necessidades, conflitos e contradições realizando uma reflexão conjunta com o objetivo de propor soluções e uma melhor qualidade no processo ensino-aprendizagem. (p.45)

Dessa forma, a atuação do psicopedagogo institucional exige um processo de investigação das queixas manifesta e latente diante das dificuldades do aluno e buscar de que maneira é possível a instituição ajuda-lo para que o processo de aprendizagem não seja comprometido. Essa intervenção acontece por meio de grupos, onde o profissional vai buscar interagir com os participantes de maneira a entender suas necessidades, conflitos e contradições com o objetivo de uma reflexão conjunta diante das necessidades apresentadas.

Assim, é a partir do processo de investigação das dificuldades do discente e o que tem influenciado para o comprometimento da aprendizagem, que a instituição (professores, psicopedagoga, coordenação) junto a família podem fornecer a ajuda necessária para que o aluno continue a crescer no seu processo de aprendizagem.

O psicopedagogo clínico, assim como o institucional, possui um papel importante no auxílio as dificuldades de aprendizagem, mas diferente do profissional que atua na instituição, que age junto ao coletivo, o trabalho do clínico é individualizado e específico às necessidades apresentadas pelo paciente.

Assim, conforme nossa entrevistada, o profissional que atua na clínica faz todo um processo de investigação da vida da criança. O contato inicial é feito com os pais, onde o psicopedagogo faz um processo de investigação inicial da vida do paciente, denominado de anamnese. Na consulta seguinte o espaço dado à criança é um momento para que ela conheça o profissional e o mesmo possa fazer suas primeiras observações. Depois desse primeiro processo na clínica o psicopedagogo visita a escola, sendo de fundamental importância para

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

conhecer como se dá a relação entre a criança em sala de aula e o seu comportamento na instituição, além de ser um momento propício para o profissional clínico estabelecer os primeiros vínculos com a escola e principalmente com a professora.

A partir do exposto anteriormente, observa-se que o psicopedagogo já possui uma quantidade significativa de informações que permitem que ele possa dar início ao processo de intervenção diante das dificuldades do paciente. Além de dar as primeiras devolutivas aos pais quanto às descobertas feitas sobre as possíveis causas que tem interferido no processo de aprendizagem da criança. Bastos (2015) exemplifica da seguinte maneira o processo apresentado anteriormente,

Portanto, o olhar do psicopedagogo para as dificuldades de aprendizagem do sujeito necessita partir de uma leitura ampla, contextualizada, integrada em seus aspectos cognitivos, afetivos e sociais, familiares e motores. Um olhar que permita levantar hipóteses, formular desafios, buscar as verdadeiras causas dessas dificuldades, para só assim poder delineá-las e intervir sobre elas por meio de uma perspectiva mais promissora. (p. 31)

Portanto, o processo de intervenção psicopedagógico, seja ele feito pela instituição ou pela clínica especializada, deve ser um processo com olhar atento às necessidades da criança, pois o mais importante do acompanhamento com esse profissional é que as possíveis causas para essas dificuldades sejam identificadas e trabalhadas para não surgirem prejuízos maiores na aprendizagem e desenvolvimento da criança.

## **2. Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH)**

O Transtorno do Déficit de Atenção (TDAH) é um transtorno neurobiológico, ou seja, é derivado de um fator genético que se manifesta na infância e acompanha o indivíduo por toda a sua vida. Por se tratar de uma alteração neurológica, esse transtorno se manifesta com algumas alterações no cérebro, mais especificamente no lobo frontal onde ocorrem as funções executivas.

A partir dessa primeira explanação foi possível entender a região do cérebro que passa por um maior comprometimento em pessoas com TDAH, e diante disso chega-se às explicações de como se dá o comportamento das pessoas que possuem esse transtorno. Segundo Barkley (1982), “É uma alteração do desenvolvimento da atenção, da impulsividade, e da conduta governada por regras (obediência, autocontrole e resolução de problemas), que se inicia nos primeiros anos do desenvolvimento [...]” (*apud* BONET; SORIANO; SOLANO, 2008, p.2)

Por meio do exposto anteriormente, pode-se entender melhor o comportamento das crianças que possuem TDAH, pois diferente das outras crianças que não possuem o transtorno, elas possuem características predominantes como ter maior dificuldade em manter a atenção, são mais impulsivas. Essas particularidades podem permanecer até a vida adulta, quando a partir do amadurecimento do cérebro, principalmente da região do lobo pré frontal, esses sintomas vão se abrandando. É importante frisar que, quanto mais cedo o TDAH for diagnosticado, mais rápido é possível controlar os sintomas, dando um maior bem estar à pessoa que possui o transtorno.

Conforme a psicopedagoga entrevistada o diagnóstico de TDAH é feito pelo “médico, o neurologista ou psiquiatra, eles é que são habilitados para dar o diagnóstico; nós, psicopedagogas, fazemos uma hipótese diagnóstica”. É muito importante ter clareza sobre a responsabilidade do diagnóstico, pois ele é determinante na vida do indivíduo, então é importante a confirmação por um profissional da área de medicina.

A identificação do transtorno pelo psicopedagogo é feita de modo cauteloso. Segundo a entrevistada,

Não existem testes específicos só para TDAH, a gente vai avaliar o comportamento geral. Geralmente, as queixas vêm com relação à leitura, dificuldade na produção textual, de escrita, dificuldade de prestar atenção na aula e de manter a atenção para conseguir fazer as atividades escolares. Então, quando a criança ou adolescente chega no consultório, ele traz esses comportamentos, porque não existe uma pessoa com TDAH que possua um comportamento num local de um jeito e em outro de outra maneira. Ele sempre irá se comportar daquela forma, sendo possível perceber que a pessoa não consegue manter a atenção. Então são utilizados jogos, atividades com desenho, atividades de escrita e leitura, tudo isso para observar como é o comportamento dessa pessoa. Assim poderá ser feita uma descrição desse comportamento num parecer ou num relatório que é encaminhado para o neurologista. Lá, ele irá fazer mais algumas avaliações até fechar o diagnóstico. Outro detalhe importantíssimo é aplicar questionários com a família e com a escola, para essa hipótese diagnóstica ser feita. É importante também fazer visitas na escola para observação, conversar com a professora, com a coordenadora. Todos esses passos são etapas para que a gente chegue ao resultado final de uma hipótese diagnóstica. (PSICOPEDAGOGA)

Podemos perceber que existe muita cautela e cuidados específicos para o diagnóstico que ela vai indicar.

Além das características predominantes apresentadas anteriormente, o transtorno do Déficit de Atenção se divide em três subtipos, podendo ser eles:

- Tipo com Predomínio de Déficit de Atenção: Predominam os sintomas de falta de atenção, e os sintomas de impulsividade-hiperatividade são leves ou não ocorrem.
- Tipo com predomínio hiperativo – impulsivo: Predominam os vários sintomas de hiperatividade-impulsividade com poucos (ou nenhum) sintomas de falta de atenção.
- Tipo combinado: Verificam-se sintomas de falta de atenção, impulsividade e hiperatividade. (BONET; SORIANO; SOLANO, 2008, p.11)

Os três subtipos apresentados são uma forma de distinguir os diferentes comportamentos que surgem de uma pessoa para a outra, assim fica possível perceber uma maior diferenciação diante dos sintomas. É a partir das particularidades apresentadas por cada criança que um profissional como o psicopedagogo pode observar a manifestação do Transtorno do Déficit de Atenção.

### 3. A Escola e o TDAH

A escola é um dos primeiros locais na vida de uma criança onde um transtorno como o Déficit de Atenção pode ser detectado. No entanto, nem todas as escolas possuem uma equipe pedagógica responsável por dar as primeiras orientações aos pais e professores sobre o respectivo transtorno, ou auxiliar a criança no processo de readaptação diante das suas dificuldades. Esta carência não é realidade de todas as escolas, no entanto um grupo representativo das escolas que atendem nossa população mais vulnerável e em maior número não possui.

Nas escolas públicas temos os profissionais do Atendimento Educacional Especializado, estes podem contribuir em muito para identificação dos casos de alunos com TDAH. Apesar do acompanhamento em sala dos casos identificados não fazerem parte de suas obrigações, eles podem orientar os professores sobre como trabalhar com os alunos que apresentem esse transtorno.

Em escolas privadas de grande porte temos o profissional que faz a identificação, mas o acompanhamento do mesmo é feito de forma coletiva, os casos por ele identificados são encaminhados à família que os encaminha aos profissionais habilitados. O processo de investigação que pode ser realizado na escola é descrito por DuPaul e Stoner (2007),

A avaliação de TDAH baseada na escola compreende múltiplas técnicas de avaliação usadas em uma variedade de contextos e envolvendo diversas fontes de informações. Após o encaminhamento da criança por um professor para avaliação de possível TDAH, esta é conduzida e compreende cinco estágios: (1) triagem de sintomas de TDAH; (2) avaliação multimodal; (3) interpretação dos resultados para chegar a uma decisão de classificação; (4) desenvolvimento de um plano de tratamento; e (5) avaliação contínua do programa de intervenção. O objetivo da avaliação não é apenas chegar a um diagnóstico de TDAH, mas determinar um plano de intervenção com probabilidade de ser bem-sucedido com base nas informações coletadas. (p. 59)

A abordagem descrita anteriormente é uma forma da escola dectar e fornecer a ajuda necessária ao aluno e dar suporte à sua família, porém, muitas vezes diante dessas situações a instituição não oferece o preparo necessário para o professor, ficando este muitas vezes sem saber como ajudar seus alunos.

Sentimos que tanto com ou sem o suporte psicológico o professor fica muito solitário na sala de aula, dificultando assim a inclusão real das crianças e principalmente a melhoria do seu desempenho acadêmico.

Em busca de atenuar os efeitos desta problemática, essa pesquisa tem o intuito de fornecer informações que venham a auxiliar o pedagogo a ministrar aulas mais interativas e que possam agregar todos os alunos, apresentem eles alguma dificuldade ou não, objetivando mostrar que com simples atividades o docente pode estimular seus alunos a superarem desafios impostos pelos transtornos e ampliar sua funcionalidade para aprendizagem.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nosso interesse maior é levar aos professores conhecimentos relevantes para que eles possam interagir com educandos com TDAH. Inicialmente, podemos identificar o zelo com que é feito o diagnóstico e doravante iremos descrever a prática da psicopedagoga com as crianças e como estas práticas podem contribuir para colaborar com as práticas desenvolvidas pelos professores.

Iniciamos indagando pela intervenção. Segundo nossa entrevistada as atividades se iniciam pelo fortalecimento da atenção. Em seguida, há a consideração sobre o que o médico recomendou, caso haja medicação ela será ministrada. Então, a partir daí desenvolve-se um tratamento chamado por ela multifatorial.

O tratamento é multifatorial. São vários fatores que vão interferir, então provavelmente ela vai estar medicada para que o foco da atenção melhore. Mas, independente de estar ou não, o que a gente vai fazer é selecionar aquelas atividades e jogos que vão favorecer o desenvolvimento desse foco da atenção na pessoa.  
(PSICOPEDAGOGA)

As práticas se iniciam pelas dificuldades que o paciente apresenta, de acordo com a psicopedagoga,

[...] uma criança pequena ou um pré - adolescente em idade de 10 aos 12 anos, apresentam dificuldades na escrita, dificuldade na leitura. Então vão ser utilizadas atividades que potencializem isso. E ao longo do acompanhamento vou percebendo se há uma melhora ou se não há uma melhora. Uma intervenção muito boa nesses casos é o uso da arte terapia, o trabalho com tinta, com massa de modelar, argila, caixa de areia, tudo que estiver trabalhando o tato, a parte sensória da pessoa, para ir desenvolvendo isso.

Muito interessante este envolvimento da arte na terapia. Na pedagogia, temos a oportunidade de estudar sobre a ludicidade e a sua importância na aprendizagem. Na fala de nossa entrevistada podemos fazer esta ligação com o desenvolvimento da pessoa.

Outro aspecto que consideramos muito importante em nossa pesquisa foi saber sobre a relação com a família. Nossa entrevistada nos trouxe esta informação de forma esclarecedora. Para ela “é praticamente impossível fazer um bom acompanhamento se não tiver um contato direto com a família da pessoa com TDAH. Então é um trabalho que deve ser desenvolvido com as pessoas da família, os pais ou os cuidadores e as pessoas da escola”. Em sua fala ela esclarece a motivação para esta convicção:

[...] digamos você vai receber a criança ou o adolescente uma vez por semana, então você não pode ficar dois, três ou quatro meses atendendo sem que seja inserido nesses atendimentos um horário para atender as pessoas da família. Então podem ser estabelecidas quatro sessões com a criança e uma sessão com os pais, para dar orientações, colher informações de como está sendo esse acompanhamento em casa. É muito importante, pois é um momento para dar informações de como fazer, um exemplo seria: às vezes os pais acham que a criança ou o adolescente precisa ficar durante muito tempo sentado fazendo a tarefa, mas para uma pessoa com TDAH, isso é praticamente impossível, então a gente orienta para que eles dêem intervalos, se ele tem três páginas de gramática, mais tantas páginas de português, uma folha de outra matéria, faz algumas páginas de português aí da 15 minutos de intervalo. Vão sendo estabelecidas negociações tanto com a criança quanto com o adolescente, para que ele possa ir se auto regulando e ir mantendo a atenção. (PSICOPEDAGOGA)

Percebemos a importância desta interação, e o quanto o professor pode também tirar proveito desta relação com os pais. Realmente a troca de informações, as negociações, colaboram tanto para o bom desempenho do educando como para o trabalho do professor.

Sobre as práticas, nossa entrevistada nos deu importantes informações. O uso da arte terapia é feito pelo menos em uma sessão, seguida de três sessões com jogos. A organização e integração entre jogos, arte e a quantidade de sessões dedicadas aos mesmos é feito a partir do planejamento da profissional. Dentre os recursos por ela utilizados está o computador. Segundo ela existe um jogo chamado PREFEX “que é um DVD que já vem com jogos específicos para potencializar o que eu quero, que no caso são as funções executivas, para trabalhar a atenção e concentração, o raciocínio lógico e a memória”.

Percebe-se que há uma relação entre os jogos e as funções superiores que a psicopedagoga pretende potencializar, melhorando assim o desempenho do paciente, levando-o a perceber que pode ampliar sua funcionalidade, desde que as exercite e mantenha-se ativo. Sobre os jogos, ela afirma que:

Os mais utilizados são: o jogo resta um que é muito bom para a atenção; o quebra cabeça que é sempre usado para tirar informações além de só montá-lo, como tirar informações da imagem, fazer um texto a partir da imagem formada para que ele entenda começo, meio e fim, usar um livro com a história da imagem retratada para fazer o trabalho da leitura. Então sempre tem alguma atividade associada

dependendo da proposta representada pela imagem do quebra cabeça, assim é possível ir vinculando o jogo às orientações necessárias para a organização do tempo de estudo, as atividades que ele tem que fazer. Outro jogo é o pega varetas, que trabalha com o cálculo mental. São jogos básicos que podem fazer com que as pessoas pensem que ele não causará um impacto na intervenção, mas que na verdade eles trazem um grande impacto e principalmente quem tem experiência no consultório pode observar isso melhor. Por exemplo, o Tangram, que é um jogo de pecinhas, que vai ser usado para trabalhar a parte da geometria (tem triângulo, quadrado, paralelogramo), desenvolvendo também a atenção e concentração. [...] Outros jogos como a Dama, jogo da velha, além dos jogos de tabuleiro como Cuca Legal, que possui perguntas de história, geografia, português e atualidades (é um jogo que possui um tabuleiro e a criança vai precisar de atenção para se movimentar nas casas e depois responder as perguntas), isso vai trabalhando as funções executivas do cérebro, quer dizer, mantém o foco na atenção e ainda utiliza o raciocínio para responder às perguntas. São jogos bem básicos, principalmente o quebra cabeças. Inclusive, ressalto que as crianças se opõem a fazer esse jogo no começo, acham um absurdo ter que montar várias peças, ter que organizá-las. Mas depois de apresentar algumas vezes e dizer que vai ser legal, que vai fazer só uma vez, a criança acaba por ceder e quando ele faz e consegue concluir aquela atividade, para ele é uma satisfação muito grande. Percebe-se que aquela rejeição, a má vontade, vai se dissolvendo e ele passa a aceitar melhor nas próximas sessões as atividades que vão sendo propostas. (PSICOPEDAGOGA)

Vemos nesta fala como a profissional estabelece relações entre os objetivos que ela pretende atingir e o jogo que vai usar. Os jogos são bem simples, conhecidos, em geral muito usados pelas crianças, e que nem percebemos que eles podem ser tão importante no desenvolvimento dos sujeitos. Desta forma fica claro ao professor que ele não precisa fazer ações mirabolantes, nem buscar recursos difíceis, caros, inatigíveis. São recursos simples que podem também ser usados na sala de aula, ou similares a eles para explorar os conteúdos trabalhados.

Uma fala muito importante que emergiu na entrevista foi o desenvolvimento da autoestima do paciente:

quando a criança ou o adolescente acerta fazer a construção daquela imagem que ele está tentando fazer é possível vincular a questão da matemática e dizer coisas como “poxa, como você é bom em matemática”, pois às vezes é uma criança que tira notas muito baixas nessa matéria e para ele acertar o jogo é muito bom, pois a autoestima começa a melhorar por conta daquele jogo, além de realmente passar a ter bons resultados na matemática. (PSICOPEDAGOGA)

Em geral, o educando com transtorno de aprendizagem sente-se inferior aos demais alunos da sala por não apresentar resultado igual. Trabalhar a autoestima dos mesmos é uma atitude que o professor deve adotar, pois com a autoestima elevada, ele vai ficar mais confiante e sentir-se melhor na sala de aula, facilitando sua aprendizagem.

Nossas últimas questões feitas a psicopedagoga foram sobre a relação com a escola durante a intervenção junto ao educando e como ela considera que a escola pode ajudar na preparação das crianças com TDAH diante das dificuldades apresentadas por conta do transtorno. As respostas foram relevantes para culminância da nossa pesquisa.

Para ela a relação com a escola na troca de informações é preciosa para o desenvolvimento do acompanhamento do paciente,

quando chego na escola eu gosto de dizer para as professoras, ou professores, e ao coordenador que sua observação, é uma barra de ouro para a gente enquanto psicopedagogo, pois eles são profissionais que estão diretamente com a criança, estão todos os dias quatro horas pelo menos observando, intervindo, então eles tem uma bagagem de informações, observações riquíssimas. (PSICOPEDAGOGA)

Isto demonstra que realmente o tratamento é multi, pois tem uma ação recíproca entre a psicopedagoga, a escola e a família. E como é relevante que estes segmentos reconheçam esta importância.

Por fim, buscamos a percepção que a profissional tem da escola, cientes de que este olhar tem muito a ajudar. Conforme a fala da mesma, a escola ainda não conseguiu sair de seu formato tradicional:

o processo de ensino é extremamente tradicional, por mais que o tempo tenha passado e muitas intervenções tenham sido feitas, muitas mudanças tenham acontecido nas escolas. Mas veja, se uma aula for dada do começo ao fim com cadeiras uma atrás da outra, o aluno apenas escutando o que o professor está dizendo, nem um aluno típico, sem um TDAH como exemplo, vai conseguir atingir o potencial de aprendizagem dele como satisfatório, quem dirá um aluno que tem um déficit no processo. (PSICOPEDAGOGA)

Reconhecemos a veracidade desta observação, a escola resiste diante da mudança de sua formatação de trabalho, pelos mais variados motivos. E, segundo nossa entrevistada a mudança não está nas mãos apenas dos professores. Apesar delas serem voltadas para o pedagógico, os coordenadores também tem que se engajar, pois existem muitas variáveis influentes na prática dos professores. As mudanças na sala devem ser desde a disposição das cadeiras até a organização dos estudos, que podem ser em grupos, facilitando as interações entre os educandos. Colocar o educando como protagonista é importante para que ele interaja além de movimentar-se, não ficando apático na sala. Variar os espaços de estudo, não concentrando todas as ações da sala, quebrando a monotonia de um único espaço de aprendizagem, e também usar recursos visuais, são ações positivas a serem tomadas pelos professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Consideramos de muita importância o que conseguimos levantar nesta entrevista, pois o desconhecimento de como lidar com uma pessoa com transtorno de aprendizagem deixa de ser um mito, uma extrema dificuldade, para ser uma ação que pode ser enriquecedora não só

para o educando com TDAH, mas para todos os alunos da sala. Os recursos indicados, as práticas sugeridas, os comportamentos e atitudes sugeridos foram muito ricos.

A parte teórica foi um ponto inicial de grande importância para esclarecer algumas dúvidas referentes ao que é o TDAH, como agem os profissionais na escola e a importância do trabalho do psicopedagogo na vida de uma criança com dificuldades de aprendizagem. Essa parte inicial foi fundamental para esclarecer dúvidas e fazer esclarecimentos sobre o assunto para então se chegar à entrevista com a psicopedagoga.

O processo de entrevista se mostrou um ponto enriquecedor do trabalho, pois a entrevistada relata sua experiência na área, assim como sua relação com a família e a escola, que são fundamentais para se ter bons resultados do acompanhamento com o paciente. Dessa forma, as respostas fornecidas pela profissional abrem um novo olhar diante das práticas usadas por ela no consultório e que o professor pode facilmente adaptar para as suas aulas, deixando-as mais interessantes e dinâmicas para todos os alunos, principalmente para aqueles que apresentam maiores dificuldades em aprender.

Portanto, essa pesquisa se torna de grande relevância para os profissionais da educação, pois amplia os horizontes diante das dificuldades que surgem em sala de aula com o intuito de enriquecer a atuação do professor e tornar o processo de aprendizagem mais prazeroso para o educando.

## REFERÊNCIAS

BASTOS, Alice Beatriz B. Iziq. **Psicopedagogia clínica e institucional: diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

BONET, Trinidad; SORIANO, Yolanda; SOLANO, Cristina. **Aprendendo com crianças hiperativas**. São Paulo: Cengage Learning, 2008.

BOSSA, NadiaA.. **Dificuldades de Aprendizagem: O que são? Como tratá-las?** Porto Alegre: Artmed, 2000.

DUPAUL, George J.; STONER, Gary. **TDAH nas escolas: Estratégias de Avaliação e Intervenção**. São Paulo: M. Books do Brasil Editora Ltda, 2007.

GODOY, Arilda Schmidt. INTRODUÇÃO À PESQUISA QUALITATIVA E SUAS POSSIBILIDADES. **Rae Artigos**, São Paulo, v. 35, n. 2, p.57-63, 1995. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n2/a08v35n2.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2019.